

A MODERNIDADE PELO JORNAL: O PROGRESSO MATERIAL E SOCIAL DE NOVO HAMBURGO NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930.

Ana Paula Bernardo de Sousa (FEEVALE)¹
Luiz Antônio Gloger Maroneze (FEEVALE)²

RESUMO:

Analisando a penetração das ideias modernas e seus efeitos no cotidiano da cidade de Novo Hamburgo nas décadas de 1920 e 1930, percebe-se que a ideia de progresso se tornou referência para a cidade. Partindo da problemática discutida por Berman, de que nas metrópoles europeias do século XIX e início do século XX, exemplos objetivados do “moderno”, confundiam-se com os conceitos de “progresso humano” e “progresso material”. Este artigo tratará de investigar as relações variadas entre a ideia de progresso e suas representações presentes no discurso do jornal *5 de Abril*, com a modernização da cidade e as modificações das dinâmicas sociais hamburguenses, especificamente entre os anos de 1927 e 1932.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade, Progresso, Novo Hamburgo, *5 de Abril*

No início do século XX os ecos da modernidade europeia, com suas metrópoles iluminadas, interferem de forma variada nas cidades brasileiras. A ideia de progresso torna-se então, referência para os grandes centros urbanos e para as cidades com pretensões metropolitanas. Nesta ambiência histórica, Novo Hamburgo incorpora o ideário moderno a seu projeto de emancipação e os efeitos da incorporação de tais ideias, como o progresso material e social da cidade, são refletidos no Jornal *5 de Abril*. O primeiro veículo impresso do município que esteve em atividade entre 1927 e 1962. Partindo da problemática discutida por Berman, de que nas metrópoles europeias do século XIX e início do século XX, exemplos objetivados do “moderno”, confundiam-se com os conceitos de “progresso humano” e “progresso material”, este artigo tratará de investigar as relações variadas entre a ideia de progresso e suas representações presentes no discurso do jornal *5 de Abril*, com a modernização da cidade e as modificações das dinâmicas sociais hamburguenses.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em História da Universidade Feevale - Novo Hamburgo (RS) e bolsista PIBITI/ CNPq. E-mail: anapaulabs@feevale.br.

² Doutor em História pela PUCRS e professor adjunto da Universidade Feevale, é pesquisador do grupo de pesquisa Cultura e Memória da Comunidade na mesma universidade. E-mail: luizmaroneze@feevale.br.

Ao aprofundar um estudo sobre a história da cidade a partir da perspectiva progressista das décadas de 20 e 30, será possível aproximar-se do discurso que ditava o imaginário e o cotidiano no contexto da emancipação. Entender as semelhanças e diferenças na incorporação de valores e de uma estética moderna naquele contexto nos permite refletir sobre as especificidades do contexto local.

Neste sentido, a presente investigação tem como objetivo, analisar os elementos de modernidade apresentados no jornal e relacioná-los com as modificações no cotidiano da cidade, especificamente entre os anos de 1927 e 1932. Para tanto, é necessário identificar as ideias modernas vigentes no período, identificar as representações de modernidade presentes no Jornal *5 de Abril*, e interpretar como os conceitos de progresso material e social eram entendidos no contexto hamburguense deste período. A metodologia utilizada foi Revisão Bibliográfica, a fim de contextualizar a cidade de Novo Hamburgo do período proposto, e uma Análise de Conteúdo dos textos (crônicas e notícias) do Jornal *5 de Abril*. Optou-se por realizar uma “Análise de conteúdo” dos textos, pois como diz Moraes (1999), esse caminho se caracteriza por ser “uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessíveis”.

Ecoss da Modernidade

Era o ano de 1895 , num dos salões do *Grand Café* em Paris, uma multidão de curiosos esperavam ansiosos pelo espetáculo anunciado semanas antes e que prometia mostrar a “nova maravilha da engenhosidade humana e [...] talvez a mais impactante forma de retratação da realidade”.(Rosa, 2010). Era a primeira sessão paga de cinema da história. Um dos filmes apresentados nesta mesma sessão causou o maior alvoroço no público, seu nome era *Arrivée D’un train en gare à La Ciotat* (Chegada do trem à estação). Enquanto na tela, um trem em alta velocidade se movimentava e se aproximava da câmera, a plateia impressionada com o realismo das imagens acabou entrando em pânico, e aos gritos saiu “desviando-se amedrontada daquilo que acreditaram ser inevitável: o choque com uma força infinitamente superior às suas” (Rosa, 2010), a modernidade.

É durante o século XVIII, quando ocorre a disseminação das ideias iluministas pela Europa, que a modernidade, essência mesma daquele projeto, se constitui enquanto um

discurso em busca de hegemonia. Neste contexto, para uma parte da intelectualidade europeia, o mundo e a existência do homem deixam de ser explicados pelo viés teológico e passam a ser vistos pelo olhar racionalista. O homem de então se apropria de uma nova crença, que apresenta em seu discurso uma visão otimista para o futuro da humanidade. Segundo Morin (1991)

[...] não era apenas um fenômeno histórico, não era apenas uma ideia-força, era uma crença e, de fato, erigira-se no século XIX uma religião que se ignorava enquanto tal porque se baseava naquilo que se impusera contra a Religião revelada: a ciência materialista, a Razão Laica, o Progresso histórico.

Ou seja, este novo discurso que surgiu no meio intelectual e na mídia, dizia que as sociedades estão asseguradas pelo progresso histórico, pois “a própria modernidade criou, na esperança- não raro desesperança- de que as modernidades do amanhã e do dia depois de amanhã possam curar os ferimentos que afligem o homem e a mulher modernos de hoje”. (Berman, 1987, p.22). Assim, todos deveriam se unir em prol de um futuro melhor para a humanidade, pois “o triunfante progresso da ciência torna inevitáveis as transformações [...] que estão cavando um abismo entre aqueles dóceis escravos da tradição e nós, livres modernos, que acreditamos no radiante esplendor do nosso futuro”. (Berman, 1987, p.24).

O conceito de progresso humano foi muitas vezes confundido com o progresso material, que era facilmente percebido pelo avanço das ciências e tecnologias. Berman cita Baudelaire em relação a esta questão:

Tome-se qualquer bom Frances, que lê o seu jornal, no seu café, pergunte-se lhe o que ele entende por progresso, e ele responderá que é o vapor, a eletricidade e a luz do gás, milagres desconhecidos dos romanos, testemunho incontestável de nossa superioridade sobre os antigos. Tal é o grau de escuridão que se instalou no seu cérebro. (Berman, 1987, p.143)

A modernização das cidades, as novas tecnologias e as alterações das dinâmicas sociais constituíram a face mais evidente do processo e terminam por imbricar as demais dimensões. Todavia, como percebeu o poeta, os desdobramentos mais profundos não são percebidos pelo senso comum: a ideia de “progresso” parece amalgamar o entendimento e as aplicações da modernidade mas não dão conta das questões mais complexas. De qualquer forma é a partir destes sinais que o discurso é formulado, como no caso da cidade de Novo Hamburgo, foco deste artigo. Segundo Selbach (2006)

[...] A cidade viveu seus dias de glória quando buscava incansavelmente o progresso, confundindo-o com conquistas materiais. Renovou sua arquitetura, construiu belas residências e edifícios suntuosos, alinhou e calçou suas ruas, ordenou o desenvolvimento, enfim, procurou crescer e ganhar feições de pequena metrópole.

Este ufanismo modernizante característico do fim do século XIX e primeira metade do século XX nasce num momento em que se está construindo uma noção de ordem urbana higienista, pois segundo Pechman (1997) se “fez estimular, durante todo o século XIX, o desenvolvimento das concepções de que todos os males derivavam da herança de cidades envenenadas, de cidades mal construídas e mal traçadas.” E se estas cidades estavam doentes, “curar, sanear, higienizar e intervir, reformar, embelezar, transformaram-se num verdadeiro programa de política urbana, numa nova modalidade de ordem a permear as relações sociais entre as pessoas, cousas e grupos no espaço urbano”.(Pechman,1997, p. 215). Quando Novo Hamburgo se emancipa do município de São Leopoldo em 1927, um dos primeiros objetivos da intendência é a sua urbanização.

Até então, o aspecto da 14 de Julho desagradava a todos. Dir-se-ia anos mais tarde: “*quem conheceu os poteiros e paisagens que havia na frente da viação férrea, conheceu também os perigosos sumidouros, onde hoje se engalana a nossa vistosa praça 14 de Julho*”. (Selbach, 2006, p. 33).

Neste contexto, a cidade

apresentou algumas mudanças significativas na sua infraestrutura [tratamento e abastecimento de água, calçamento, esgoto, organização de praças], principalmente em relação a seu planejamento urbano, visto que somente dessa forma alcançaria o progresso. (Schemes, 2006, p.112).

Mas para se alcançar o “progresso” era necessário apagar o passado e construir um novo futuro. Desta forma, como sugerem os analistas da modernidade, é normalmente “sobre as cinzas dos antigos padrões, que um novo modelo de sociedade e sociabilidade germinava. Um mundo ficava para trás, descortinando outro, infinito em possibilidades, expectativas e identidades” (Rosa, 2010, p.38). Em Novo Hamburgo a lógica é incorporada, conforme Selbach (2006), a cidade “precisou derrubar as pontes que a ligavam ao passado, uma vez que não queria volta. Negou suas origens coloniais para mergulhar no sonho urbano”.

O desejo de modernizar-se e alcançar o progresso estão presentes nos discursos do início do século XX e podemos percebê-los em diversos aspectos do cotidiano, da estética da cidade as formas das relações sociais. É por volta dos anos 20 e 30, que nas casas os lampiões a gás cedem lugar as lâmpadas elétricas; o rádio e sua programação elitista incorpora o “popular” e surge como o grande meio de comunicação de massas; as rodovias começam a substituir as

ferrovias e nos centros urbanos os automóveis desfilam, ao mesmo tempo em que disputam lugar com os carros de tração animal e montarias que ainda eram maioria em diversos recantos das cidades.

Neste sentido, a sociedade Hamburguesa destas décadas incorpora em seu cotidiano mudanças significativas. Tal progresso é refletido no primeiro semanário da cidade, o *Jornal 5 de Abril*. Em diversos momentos, o jornal apresenta a incorporação desta ideia a partir das mais variadas modificações que a cidade presenciou. As transformações técnicas e científicas são constantemente sublinhadas:

O extraordinário progresso verificado de certo tempo a esta data, em quase todos os pontos do Universo, tem por base, positivamente, essa incomparável descoberta do engenho humano – a eletricidade. [...] E não há dúvida, a eletricidade é um fator imprescindível para a marcha progressiva de qualquer lugar onde o homem queira trabalhar e construir. (02/09/27, p.1).

Considerado um fator imprescindível para se alcançar o progresso, a energia elétrica faz parte do cotidiano de uma cidade que busca se equiparar aos grandes centros. No ano de 1927, “aqui mesmo em Novo Hamburgo, muitos operários, já trabalham em suas casas, em artefatos de couro e mesmo em calçados, para várias fábricas, com máquinas próprias movidas por aquela força”. (02/09/27, p.1).

Além da energia elétrica, os hamburgueses dos anos 20 e 30 vêm absorvendo outras maravilhas da “engenhosidade humana”, como o automóvel e o rádio. A respeito das rodovias e dos veículos automotores, consideravam que “efetivamente são elas que, (...) levam todos os povos à prosperidade”. (p.1). E esta auspiciosa prosperidade se deve também ao rádio, que o *5 de Abril* intitula como “o milagre da modernidade” e conta que “há dez anos [década de 1910] o rádio apenas começava a ser conhecido como meio de passatempo na Grã-Bretanha, e o homem corrente duvidava se jamais viria a possuir qualquer valor prático”(12/02/32, p.2), entretanto, “em nenhum outro ramo de indústria tem sido feito um tão notável progresso em tão curto espaço de tempo”, pois “o rádio se tornou reconhecidamente o meio de se obter divertimento no lar sendo também de notar seus aspectos educativo e informativo de irradiação nacional, por vezes, universal”(p.2)

É na primeira metade do século XX, que o rádio se consagra como o grande meio de comunicação em massa, mas já no ano de 1932 o *5 de Abril* profetizava sobre a (então em

teste) televisão, explicando como ela funcionará e sobre sua futura interferência na indústria cinematográfica.

A televisão é um fato. (...) O autor da novidade é o professor Barthelemy, que conseguiu (...) organizar um aparelho que transmitirá a voz juntamente com a figura humana grandemente ampliada (...). Ele poderá, colocado ante uma cena, como num teatro, num cinema ou mesmo diante de um acontecimento de rua, transmitindo o conjunto com o respectivo som ou ruído. As vantagens que advirão para a humanidade com a materialização dessa ideia serão incontestáveis, embora ela traga a morte de uma redondíssima indústria como o cinema (10/06/32, p.2).

Este afã pelo moderno caracterizado pelas novas tecnologias e transformações nas paisagens citadinas povoa o imaginário do indivíduo cosmopolita, que identifica na modernização de seus espaços o progresso da civilização. Tal ideia-força está presente no discurso do *5 de Abril*, que refletia nas notícias e crônicas o espírito moderno de sua época, quando a busca pelo progresso se tornou o objetivo da cidade recém-emancipada. Já nas primeiras edições do semanário, podemos identifica-la na fala de representantes do poder executivo, como o então governador do estado Borges de Medeiros, que em telegrama ao jornal, fala sobre a emancipação de Novo Hamburgo: “Será, porém, o nosso principal objetivo, trabalhar pela união da coletividade do nosso município, sem dúvida o fator primordial do seu progresso”(06/05/27, p.2). O discurso progressista também faz parte do vocabulário do intendente (prefeito) do município Leopoldo Petry, que em sua declaração na comemoração do primeiro aniversário de emancipação da cidade diz: “a criação do município de Novo Hamburgo foi de suma importância para o seu progresso econômico e social, e de incalculáveis consequências para seu desenvolvimento futuro”.(13/04/28, p.1). Mesmo que fossem óbvias as deficiências da modernização nos setores periféricos da cidade, o discurso da intendência valoriza a modernização do centro enquanto silencia sobre os redutos nebulosos da urbe. O centro da cidade é o foco das reformas e o núcleo do discurso simbólico e político: a periferia não faz parte da cidade imaginária. Conforme Schemes (2006):

Se, por um lado, havia uma grande preocupação com a aparência do centro da cidade e do bairro de Hamburgo Velho, por outro via-se um grande descaso com os bairros considerados pouco nobres. Fora do centro, onde ficava o comércio principal, e de Hamburgo Velho, bairro tradicional e habitado pelas famílias mais influentes, a realidade era bem diferente, o abandono era quase total.

Se a modernidade nos trouxe um importante progresso material e econômico, também ocorreram diversas modificações de cunho social, a apreciação da vida pública nos ditos espaços de sociabilidade é uma delas.

Segundo Maroneze (1994), a cidade transforma as relações sociais, pois o costume, pautado pelo modelo tradicional é substituído pelo aparecimento da opinião pública e pelo individualismo. Neste sentido, “o ambiente citadino exalta a figura do indivíduo cosmopolita, uma espécie de modelo para a sociedade moderna (...) um eterno viajante, que ao mesmo tempo próximo e afastado sintetiza simbolicamente as relações individualistas na urbanidade moderna” (Maroneze, 1994, p.14). A territorialidade, em qualquer época, é parte fundamental dos processos humanos, há uma “ecologia” no sentido original do termo (remetendo a casa) que interliga homem e ambiente; todas as esferas da cultura, da artística a econômica, estabelecem uma dialética entre espaço e subjetividade de modo que “roteiro” e “cenário” se tornam interdependentes. Com o advento da modernidade, as grandes metrópoles gestam formas culturais próprias, onde a vida pública passa a ocupar um espaço proeminente e as sociabilidades desenvolvem rituais próprios. Wirth lembra que nas grandes cidades os laços tradicionais diminuem à medida que a complexidade territorial se amplia, alterando os modelos de comunicação entre as pessoas e as formas de convívio. As ideias mudam a cidade e o espaço, e este no fluxo do tempo reordena o vivido, a memória e novamente as ideias.³

Neste processo de incorporação das ideias modernas associadas ao urbano, de ampliação da vida pública e seus espaços e das formas de vivenciá-los, deve-se ponderar a especificidade de cada lugar e suas diferentes temporalidades, os modelos, todavia, emanavam principalmente de Paris.

Para Sennet (1988), vida pública é uma “região da vida social localizada em separado do âmbito da família e dos amigos íntimos”, um espaço cultural que permite o convívio na alteridade, espécie de linguagem própria que facilita a inter-relação entre estranhos. Essa “cultura pública” tem lugar nas ruas, nas praças e nos espaços fechados de sociabilidade, como bares , cafés e confeitarias que, sempre associados à rua, constituíam-se em casas públicas (PUBs – PublicHouses). Para o sociólogo Simmel (2006), as sociabilidades modernas constituíram uma “forma” social possível dentro do individualismo urbano. Elas surgem a partir de uma necessidade prática, mas com o tempo a “forma” suplanta o “conteúdo” tornando-se um modelo a ser seguido e reproduzido culturalmente. Ele o define como sendo uma interação entre “iguais”. Explica:

Cada qual só pode obter para si os valores de sociabilidade se os outros com quem interage também os obtenham. É um jogo de “faz-de-conta” que todos

³ Esta relação entre comportamento e espaço foi bastante explorada pela Escola de Chicago, em especial por Louis Wirth. Ver em: Velho, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

são iguais,e, ao mesmo tempo, faz de conta que cada um é especialmente honrado .

Num tempo de “fazer piqueniques na beira do arroio devido à sombra em abundância, praticar o *footing* na praça depois da missa, reunir a família na calçada em frente à residência para observar o movimento” (Selbach, 2006, p.208), a intendência de Novo Hamburgo, constitui como um de seus objetivos, fazer da principal praça - a 14 de Julho⁴- um espaço de sociabilidade e um símbolo desta cidade em transformação.

A praça 14 de Julho foi o espaço certo para comícios, campanhas, passeatas, manifestações e quaisquer outros atos cívicos, uma vez que os meios de comunicação ainda engatinhavam na época da emancipação. A praça tornou-se, assim, um espaço da sociabilidade local e, por isso mesmo, a “arte de governar bem o povo” andou ao seu lado, com toda sua carga ideológica. (Selbach, 2006, p.33).

Além de ser palco de manifestações políticas e atos cívicos, a praça e a atual Avenida Pedro Adams Filho, a sua frente, eram os espaços destinados ao encontro de diversos personagens urbanos. Citando o cronista Ercilio Rosa, Selbach (2009) diz

O melhor ângulo para ler a multidão é o da Praça 14 de Julho e o da Avenida que lhe faz frente. Tais espaços de sociabilidade são como um palco propício para o ver e ser visto, onde contracenam os mais diversos personagens urbanos. As mocinhas endomingada saem da missa e fazem os passeios andando de uma quadra à outra , se mostrando à medida que se dissimulam ; os rapazes se encostam nas paredes , como a esperar um olhar distraído, um sinal do *affair* feminino, “na silenciosa admiração pelo voluptuoso andar das mais salientes”.

Como era no centro que se concentrava a dinâmica econômica e os encontros sociais da cidade, é “natural” que ali ocorram as maiores modificações urbanas. Assim, a modernização dos hábitos e das sociabilidades, tornou-se muito mais sensível no centro, fato também observado em Porto Alegre.

Na passagem a seguir, o semanário da cidade, fala da Praça 14 de Julho, que era um belo ambiente de sociabilidade e que por isto também servia como rol de entrada para os viajantes de trem que chegam a cidade.

Inaugura-se, dentro em breve, o jardim da Praça 14 de julho, desta Vila. Não só por constituir um requisito de estética essencial a todo embelezamento urbano [...] o aludido jardim, que, brevemente, deliciará a vista e mesmo o olfato de nossa gente e dos viajantes que por aqui passarem, dando um atestado do bom gosto da administração que vem logrando proporcionar a esta vila um embelezamento digno de qualquer centro adiantado. [...] A sua localização junto a estação da Viação Férrea tem uma dupla utilidade, unindo o necessário ao agradável [...] o viajante, por

⁴ Atual Praça do Imigrante.

exemplo, que tiver de esperar o trem, principalmente no verão, não precisará fazê-lo dentro do velho casarão da viação, que nos dias caniculares é como que um forno em brasas, fará, então, na praça, à sombra, num ambiente de ar agradável, tendo á vista a perspectiva belíssima [...] assim o forasteiro levará da nossa terra uma grata lembrança, uma agradável impressão [...] da influência que os jardins públicos exercem na vida das grandes cidades e dos povos inteligentes. [...] Em várias cidades estrangeiras e brasileiras tem-se feito, ultimamente jardins. (12/08/27, p.1)

A importância dada à estética do ambiente citadino, através de suas praças, também estavam presente no discurso dos governantes. A seguir, a opinião⁵ do intendente Leopoldo Petry à respeito da estruturação das praças.

[...] pois elas são o primeiro ponto em que o visitante que aqui chega, lança os seus olhos e recebe a primeira impressão. Ora, todos sabemos quanto valem na vida social, como comercial, as primeiras impressões, pois isso é dever do governo municipal providenciar para que sejam boas.

E na mesma edição o jornal cita a modernização de outra praça da cidade.

Está sendo terraplanada a Praça Centenário, onde se encontra o Monumento da Imigração. Logo que fique pronto tal serviços, será iniciado o seu ajardinamento que, conforme estamos informados, obedecerá ao sistema moderno. (24/06/27, p. 2).



Figura 1: Praça 14 de Julho (Atual Praça do Imigrante) - Acervo Alceu Feijó – Feevale

Além das praças, outros ambientes de sociabilidade se fazem presente nas primeiras décadas do século XX, os cinemas e os cafés. Fenômeno tipicamente urbano, os cafés tornaram-se ambientes de sociabilidade que caracterizavam a vida cosmopolita e moderna de seu período. Sennet (1988) salienta o caráter público e igualitário destes espaços, onde era

⁵ A opinião foi inserida num relatório apresentado ao Conselho Municipal de Novo Hamburgo e publicado no Jornal 5 de Abril em 24/06/1927, p. 3.

possível trocar informações e exercitar o discurso público sem hierarquizações. Segundo o autor, “suspendiam-se temporariamente todas as distinções de estrato social”, (p.108) assim, “qualquer pessoa que estivesse sentada num café tinha o direito de conversar com quem quer que fosse, abordar qualquer assunto, quer conhecesse as outras pessoas, quer não”(p.109).

A característica de estar associado ao estilo de vida urbana e moderna, e de ser um espaço igualitário, (apesar de por muito tempo ser considerado um local destinado aos homens) também faz parte do contexto hamburguense. Segundo Selbach (2006), um dos mais famosos cafés hamburgueses foi o Café Avenida, que pouco tempo após ser inaugurado, “passou a ser um ponto estratégico para saber o que ocorria na cidade. Como o jornal em Novo Hamburgo era semanal, o local era a fonte de informações”. E indo de encontro com as palavras de Sennet citadas acima, era no Café Avenida que

se formavam governos, elegiam-se diretorias, discutiam-se questões importantes ou banais, reuniam-se velhos e moços, patrões e operários, ricos e pés-de-chinelo [...] iam todos os sábios apedeutas, os estrategistas de mesa-de-café, os pseudo-literatos, críticos de arte, enfim, todos aqueles indivíduos que absolutamente nada entendiam do tema de suas conversas”(Selbach,2006, p.178).

Ou seja, era um espaço tipicamente cidadão, em que os hamburgueses confabulavam sobre os interesses comuns à todos.

Eles agora fazem parte “da cena cotidiana e, juntamente com os bares e restaurantes, propiciam diuturnamente o necessário ambiente para a realização das sociabilidades exigidas pela vida pública moderna”. (Maroneze, 1994, p.24). E quando é instalada uma das primeiras seções de “cafezinho” em Novo Hamburgo, o jornal afirma que “ esta resolução veio preencher uma grande lacuna que entre nós se faz sentir”(01/05/31, p.4).



Figura 2: Café Avenida, Década de 1930
Acervo Alceu Feijó - Feevale



Figura 3: Jornal 5 de Abril de 26/02/32
Acervo do Arquivo Público de Novo Hamburgo.

As sociabilidades modernas são uma teatralização cotidiana do imaginário moderno, trata-se de uma prática e de uma representação ao mesmo tempo. Trata-se de características que também estão refletidas em diversas cidades, incluindo a capital do estado do Rio Grande do Sul – Porto Alegre. Ao abordar as obras do memorialista Achylles Porto Alegre, Maroneze (1994) faz um levantamento de como iniciou a vida pública da capital gaúcha no século XIX comparando-a com a década de 1920. Se no século XX os homens e mulheres vivem suas “modernas” vidas, encontrando-se com os amigos em cinemas, cafés e casas de chás; disputando olhares de possíveis pretendentes ao matrimônio, no século anterior “o namoro e os contratos tinham início em salas de visitas, sob olhares vigilantes dos pais e irmãos”(Maroneze, 1994, p.27). Os encontros e festas ocorriam principalmente em ambientes domésticos, onde tinham lugar os saraus e apresentações poéticas, algumas vezes terminando em pequenos bailes.

A partir do advento da modernidade, o ambiente citadino, sua estética e seus ambientes de sociabilidade estão a postos para receber as novas influências que vem de fora. Os cinemas, por exemplo, tem um papel fundamental nestas implicações, pois a maioria das películas projetadas em Novo Hamburgo são de origem norte- americana. Abaixo podemos observar a programação do Cinema Guarany em 1928.

Este Cine vai apresentar aos amantes da arte muda no sábado campeão de todos os pesos Jack Dempsey ao lado de sua esposa, Estelle Taylor em Loucuras de Nova York. (13/04/1928, p.2).

[...]quinta-feira, Gilda Gray, a nova descoberta da Paramount, em *Cabaret* luxo, arte , esplendor.(10/08/1928, p.2).

As novas ideias, costumes, estética, vinham se disseminando na sociedade hamburguense rapidamente. Eram bem aceitas por uns, mas também sofriam diversas críticas por outros. Principalmente no que diz respeito a mudança de comportamento das moças e mulheres modernas. Abaixo podemos “apreciar” a opinião de um cronista que compara as moças de sua juventude, boas donas de casa e fiéis aos maridos, com as contemporâneas da década de 1920, moças modernas e “masculinizadas”.

Com o cinema, o tango, os piqueniques, o futebol, os chás dançantes e mil e uma novidades outras que tem revolucionado completamente os hábitos patriarcais do povo brasileiro, as moças das modernas gerações,

especialmente '*après da guerra*', se tornaram tão vivas, tão americanizadas, tão masculinas nos trajes, nos modos, nos pensamentos, nas ações que eu acostumado as moças da minha geração, que há 50 anos passados, não [...] ficavam [...] nos portões se sujeitando a bolinagens de namorados sem escrúpulos. [...]Recordo-me com saudade das moças antigas que não jogavam tênis, nem berravam como loucas nos campos de futebol [...]Mas em compensação eram ótimas donas de casa, virtuosas esposas e exemplares mães de famílias, que faziam da casa um templo e do seu marido o único Deus verdadeiro na terra.(Jornal 5 de Abril, 02/09/1927, p.1).

O processo da modernidade sempre suscita apreensões pelos mais velhos, tencionando com as tradições, contudo a despeito das críticas, no geral a fala do jornal é de engajamento às novidades da época.

As fontes históricas relativas a Novo Hamburgo explicitam que a padronização que o discurso moderno implementou em seus ambientes materiais e simbólicos se assemelham a de outras cidades do país e do Ocidente como um todo. De uma forma ou outra toda cidade incorporou algo desta ideia-força em suas formulações e representações sociais em diferentes tempos. Todavia, parece evidente que as localidades mais próximas ou interligadas aos núcleos dinâmicos do capitalismo e/ou com tradições oriundas dos centros emissores, puderam encampar com mais força e de maneira mais vantajosa seus ideais. O caso de Novo Hamburgo é exemplar neste sentido.

Pesavento (2002), nesse sentido, chama a atenção para o fato de que se discursos e imagens elaborados sobre a cidade são um "índice social e um objeto do imaginário coletivo", ele pode acontecer em distintos espaços e tempos e que, mesmo com tons diferentes, é possível que as imagens e os discursos urbanos possam não só ser lidos e entendidos como matrizes de práticas sociais em contextos distintos daqueles que lhes deram nascimento. Apesar da universalização das ideias modernas, lembra ainda a autora, que as distinções espaciais e temporais constroem novos sentidos em suas conjunturas específicas, questão que foi levada em conta também, obviamente, para o caso de Novo Hamburgo.

Considerações Finais

Analisando a penetração das ideias modernas e seus efeitos no cotidiano da cidade de Novo Hamburgo entre 1927 e 1932, percebe-se que a ideia de progresso se torna referência para a cidade. A incorporação deste ideário, ocasionou diversas alterações urbanas e comportamentais que estão refletidas no jornal da época, o *5 de Abril*. Tais alterações fizeram parte do contexto de diversas cidades com pretensões metropolitanas. Entretanto, dependendo das conexões destas cidades em relação aos núcleos dinâmicos do capitalismo e de suas dinâmicas internas, ocorreu um maior ou menor impacto no seu processo como um todo. No caso de Novo Hamburgo, cidade beneficiada pela proximidade com a capital do estado, seu processo de afirmação imbricou crescimento econômico com um discurso modernizante, onde imaginário e espaço urbano se fundem.

Neste sentido, ao considerarmos a problemática discutida por Berman, de que nas metrópoles europeias do século XIX e início do século XX mesclavam-se os conceitos de progresso humano com o progresso material, podemos sugerir que em Novo Hamburgo não foi muito diferente. No discurso do intendente Leopoldo Petry a fala sobre o moderno na cidade tem seu foco no centro da cidade, justamente por ser aí que as principais reformas e melhoramentos ocorreram. O imaginário deste centro urbano passa a ser colocado como se fosse uma totalidade: o discurso político e jornalístico “moderniza” a cidade inteira a partir de um núcleo simbólico, como se as temporalidades e espacialidades andassem no mesmo compasso. O *Jornal 5 de Abril* desde sua primeira edição em abril de 1927 apresenta as diversas alterações urbanas como exemplos de uma totalidade pretendida: construção de praças e calçamento das ruas e os novos cafés eram apresentados como sinais do progresso. Aqui como nos grandes centros urbanos, o discurso se imbricou com as inscrições materiais e técnicas. Contudo, dentro das limitações daquela cidade, o discurso transcende os fatos e o imaginário se reproduz através da mídia. A modernidade se instaura assim antes pelo discurso e pelo exemplo do centro urbano, tornado modelo, do que pelos fatos “reais”: o projeto moderno define então um imaginário hegemônico que vai funcionar como vetor simbólico para a totalidade urbana. As periferias que conviviam com uma lógica totalmente diversa, distantes dos índices e modelos do Centro, em uma realidade muito mais tradicional, eram silenciadas no discurso do jornal: as poucas referências a essas áreas falam por si.

À respeito das alterações comportamentais da sociedade hamburguesa, fruto da penetração das ideias modernas, percebe-se que o processo de incorporação foi mais lento. Num primeiro momento o jornal transparece através de algumas crônicas um saudosismo em relação ao comportamento dos antigos cidadãos. Mas ao longo da década de 1930 quando surgem novos espaços de sociabilidade, é perceptível uma incorporação mais efetiva das ideias modernas no comportamento daqueles personagens. Nota-se que ainda hoje existem resquícios fortes daquele discurso na cidade, todavia o contexto contemporâneo o ressemantiza, exigindo outras reflexões.

Referências

Jornal 5 de Abril , Novo Hamburgo/RS, 1927 a 1932.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das letras, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. **Espaços de Sociabilidade e Memória: fragmentos da vida pública porto-alegrense entre os anos 1890 -1930**. Porto Alegre:1994. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - PUCRS, 1994.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas**, PUCRS, 2007.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo**. IN: Educação. Porto Alegre. V. 22 Faculdade de Educação – PUCRS. N° 37; Mar 1999; p.7-32.

PESAVENTO, Sandra. **Crônica. A leitura sensível do tempo**; Anos 90; n° 7; Porto Alegre, p. 29 – 37. Jul. 1997

PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Ed Universidade/UFRGS, 2002.

PECHMAN, Robert Moses. **A cidade dilacerada**. In: SOUZA, Célia e PESAVENTO, Sandra. **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

ROSA, Rodrigo de Moraes. **Espaço Público e Modernidade: quando a sociabilidade se constrói como projeto**. Revista eletrônica E-Metropolis. Rio de Janeiro, 2010.

SCHEMES, Claudia. **Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935)**. PUCRS, 2006

SELBACH, Jeferson Francisco. **Pegadas urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur**. Cachoeira do Sul: Ed.do Autor, 2006

SELBACH, Jeferson Francisco. **Cumplicidade e traição: a Novo Hamburgo dos anos 40 e 50 na pena do cronista Ercílio Rosa**. São Luiz/MA:EDUFMA, 2009.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público– As tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do Imaginário**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979